



Carta de São Paulo

Online

Carta de São Paulo Online –# 19– Nova série



Velasco, G. "Sem título", 2017



A Carta de São Paulo online especial coloca em cena o texto de Freud “O mal-estar na civilização” para pensarmos, à luz da oposição radical destacada por Freud entre a satisfação pulsional e a civilização, os impasses de nosso tempo.

A questão central que Freud enfatiza, de que o processo civilizatório procura cercar o que da pulsão não tem utilidade, ressoa ainda em tempos em que a civilização incita ao gozo.

Nossos colegas da EBP-SP foram convidados a refletir sobre a clínica e os fenômenos sociais com os quais nos deparamos a partir de trechos do texto freudiano previamente escolhidos e divididos em três rubricas.

“O mal-estar na civilização” comentado oferece um importante debate sobre a posição do analista diante dos impasses contemporâneos. Como se atualizam as saídas freudianas para o mal-estar, as novas guerras, adições, engajamentos

religiosos, o que das pulsões encontra seu lugar na civilização e o retorno de seus restos convocam os analistas a estarem à altura da subjetividade da época.

“O mal-estar na civilização” comentado oferece um importante debate sobre a posição do analista diante dos impasses contemporâneos.

Em “O mal-estar na civilização” em conexão, “Os campos voltarão”, filme de Ermanno Olmi, nos oferece a oportunidade de refletir sobre a guerra em seu significado ampliado expressando fenômenos da vida política e social. “A guerra não existe sem o outro e o próprio fracasso da civilização é um fato de civilização”.

Para finalizar, três Twitters trazem fragmentos que demonstram a atualidade e a pertinência do texto freudiano nos dias de hoje.

Sustentados nos conceitos fundamentais que o texto nos aporta, os autores testemunham que se há salvação, não é pela via dos ideais. Como afirmou Miller¹, a via inédita aberta por Freud, é a via da “salvação pelos dejetos”. Aquilo do gozo que não se sublima, não pode ser alçado à dignidade de Coisa, é o que vem habitar o *sinthoma*.

Boa leitura!

¹ MILLER, J.- A. (2010) “A salvação pelos dejetos”. Correio. EBP. n. 67.

“ O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”

Comentado



Freud intérprete na Babel das línguas

Blanca Musachi (EBP/AMP)

“**Q**uanto ao indivíduo sexualmente maduro, a escolha de um objeto restringe-se ao sexo oposto, estando as satisfações extragenitais, em sua maioria, proibidas como perversões. A exigência, demonstrada nessas proibições, de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de graves injustiças.”¹

O mal-estar na civilização, livro de Freud de 1930, originalmente levaria por título A infelicidade na civilização. A felicidade é algo que poderíamos traduzir aqui por gozo. Então, podemos dizer que o gozo e seus destinos está presente o tempo todo ao longo do texto, cujo tema principal é o

No parágrafo em questão, Freud aborda o que se espera do indivíduo “sexualmente maduro” desde o ponto de vista das normas da sociedade civilizada. Há uma exigência da civilização que proíbe o que não entra na norma, que não leva em conta as diferenças, a singularidade na constituição sexual.

O gozo sexual que se cerceia, que não se admite, é aquele fora das normas, que não representa nenhuma utilidade para a civilização.

“...trata-se de uma interpretação do mal-estar na civilização que é clínica e política.”

Em “Uma fantasia”³, Miller nos diz que a psicanálise foi inventada para responder a um

Hoje não mais se trata do mal-estar na civilização da época freudiana, em que era preciso refrear o gozo; hoje temos a ditadura do mais-de-gozar, e em lugar do mal-estar, um impasse, pois a psicanálise não mais é o reverso do discurso do mestre. Hoje o gozo não é apenas permitido, é um imperativo, e como diz Miller, o um-sozinho comandado por um mais-de-gozar, é o standard pós-humano.

Embora se diga que neste, como em outros textos, Freud aborde um tema sociológico, ele não realiza apenas um diagnóstico de sua época; trata-se de uma interpretação do mal-estar na civilização que é clínica e política. Depois Lacan, já no começo do seu ensino, indicaria para o analista que conheça sua função de intérprete na Babel das línguas, que não é separável do seu engajamento

antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. Já em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”² de 1905, Freud falava da relação inversa entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade. No prefácio da primeira edição, Freud expressava a esperança de que as suas interpretações sobre a sexualidade humana se tornassem, em pouco tempo, algo de aceitação geral. Porém, no prefácio da última edição de 1920, constatava que a acentuação da importância da vida sexual para todas as atividades humanas e a ampliação do conceito de sexualidade propostas no livro, continuavam a suscitar as mais fortes resistências contra a psicanálise.

mal-estar na civilização, um mal-estar do sujeito mergulhado no esforço para fazer existir a relação sexual, e para tanto, era preciso refrear, inibir, recalcar o gozo. Pensava-se que o gozo estava no devido lugar na relação sexual e a monogamia era pensada como garantia; só que o gozo nunca está no bom lugar, e era o que os sintomas da moral sexual civilizada falavam no divã de Freud, contra “um tipo único de vida sexual para todos”. Assim, a prática freudiana abriu caminho para uma “liberação do gozo”, antecipou e contribuiu para instalar a ascensão do objeto a ao zênite social.

em sua prática clínica: “Que antes renuncie a isso, portanto, aquele que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade da sua época”⁴. Não há clínica sem política.

1 FREUD, S. “O mal-estar na civilização”. Ed. Standard Brasileira. Imago: Rio de Janeiro, vol. XXI, p. 125

2 FREUD, S. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Ibid., Vol. VII.

3 MILLER, J.-A. “Uma fantasia”. Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. n 42, fevereiro de 2005, p. 7-18.

4 LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. Escritos. Zahar: Rio de Janeiro, p. 322



A psicanálise e o lobo do homem

Daniela de Camargo B. Affonso (EBP/AMP)

"A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição"¹.

A visão freudiana do homem como "lobo do homem" está na estruturação da metapsicologia. Em "O Instinto e suas vicissitudes", Freud toma o amor como subsequente ao ódio: "o ódio (...) é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo exterior com seu extravasamento de estímulos"². Não foi à toa que recorreu a Platão para demonstrar que a moralidade não é originária da natureza humana, mas consequência do processo civilizatório: "existe em cada um de nós uma espécie de desejo terrível, selvagem e sem leis, mesmo nos poucos entre nós que parecem ser comedidos"³.

Lacan aponta que é numa imagem na qual o indivíduo se aliena de si mesmo, que se origina o eu. Resulta daí a tensão conflitiva em que está o despertar do desejo pelo objeto do desejo do outro, gerador

mais feliz; em "A moral sexual 'civilizada' e o nervosismo moderno", afirmou que a cultura produz um resto não apreendido pela ação humana. Há, pois, na pergunta em questão, uma aporia: como a cultura seria capaz de dominar as perturbações causadas pela agressividade inerente ao humano, se ela mesma é produtora de agressividade?

Lacan aponta que é numa imagem na qual o indivíduo se aliena de si mesmo, que se origina o eu.

O próprio pertencimento de um sujeito a uma comunidade depende, como lembra A. Teixeira, da violência de uma expulsão. "Esta é a forma como Lacan nos instrui a perceber a constituição social do universal, longe de ser um princípio pacificamente dado"⁵.

A história é repleta de descrições de manifestações agressivas, da Bíblia aos jornais sensacionalistas. Se há hoje uma fenomenologia própria da agressividade, ela se liga ao espetáculo de imagens dos meios de comunicação e das redes sociais, em que o

dialética verbal só tem feito demonstrar-se com imensa frequência"⁷. Tampouco o serão os "direitos humanos", cuja vitimização do sujeito esmaga o desejo, causando contragolpes agressivos.

A aposta da psicanálise, ao desvelar o gozo singular do sujeito, ainda que isto o leve ao exílio dos demais, é "reabrir o caminho de seu sentido, numa fraternidade discreta em relação à qual sempre somos por demais desiguais"⁸. Ao proporcionar ao sujeito a abertura à contingência, possibilita um laço social que não seja mortífero⁹.

Como indica Bassols¹⁰, é fazer dos restos de uma psicanálise, elaborados entre o amor e o gozo no corpo que fala, um resto fecundo.

1 FREUD, S. "O mal-estar na civilização". Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol XXI, p. 170.

2FREUD, S. "O instinto e suas vicissitudes". Ibid., vol. XIV, p. 161.

3FREUD, S. "A interpretação dos sonhos". Ibid., vol. V, p. 423.

da “concorrência agressiva”, da qual nasce a tríade outro, eu e objeto. Eis o caráter estrutural da agressividade: “Há nisso uma espécie de encruzilhada estrutural onde devemos acomodar nosso pensamento, para compreender a natureza da agressividade no homem e sua relação com o formalismo de seu eu e de seus objetos”⁴.

Para Freud, o progresso traria um resto, do qual a agressividade seria efeito. Em “O mal-estar na civilização” vaticinou que nosso tempo traria avanços, possibilitando ao homem tornar-se um “deus protético”, mas que não o tornariam necessariamente

esgarçamento da dimensão simbólica se escancara: “Escolhem-se as imagens, elas são construídas e, eventualmente, manipuladas, associadas ao manejo das paixões, paixões de segurança”⁶.

Não será o diálogo a solução para os males da cultura: “O diálogo em si parece constituir uma renúncia à agressividade (...). E, no entanto, desde o momento em que Trasímaco fez sua retirada demente no começo do grande diálogo da República, o fracasso da

⁴LACAN, J. “A agressividade em psicanálise”. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 11

⁵BARROS, R. e Vieira, M A. Ódio, segregação e gozo. RJ, Subversos, 2012, p. 96.

⁶ BROUSSE, MH. O inconsciente é a política. SP, EBP, 2003.

⁷ LACAN, J. Op. Cit., p. 109.

⁸ _____ Ibid., p. 126.

⁹Entrevista a Mario Elkin Ramirez in www.nel-mexico.org.

¹⁰BASSOLS, M. “A transferência entre o amor e o gozo”. In Revista Colofón, 36 (10/16)



Do pai ao sintoma

Lucila M. Darrigo (EBP/AMP)

“**V**isto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. O que começou

e que a mãe permanece contaminando a mulher para o filhote do homem; o resto é consequência.”⁴

O supereu paterno limitador do gozo trazia mal-estar para o sujeito, mas contribuía para reforçar os alicerces da civilização. Como consequência do declínio do pai, vivemos a decadência da interdição e a

Trata-se, sobretudo, de suportar a inconsistência do Outro, sua ausência de garantias, sem ceder ao imperativo de gozo do supereu.”⁷

Ele formula uma questão que está na ordem do dia para os analistas em sua prática: Quando o sujeito está aliviado dos deveres da crença, como

em relação ao pai é completado em relação ao grupo”¹.

No parágrafo anterior ao selecionado, Freud esclarece e indica uma possível mudança de cenário: “enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa”.

Definitivamente, nos tempos de hoje, a família não é mais a forma assumida pela comunidade! Outrora, a família como formação natural servia de modelo à ordenação dos grupos humanos². Com o declínio do pai, o mal-estar desta nossa civilização é bem diferente daquele que indica Freud. Melhor falarmos em impasses do que em mal-estar, hoje.

Concluimos, com Lacan, que o Édipo era um sonho de Freud, expressão de seu desejo de sustentar o pai no lugar de organizador da cultura e da religião, numa posição transcendente. O pai vai sendo desconstruído, reduzido a uma função, a um nome e, finalmente, a um sintoma. Passar da crença no pai à crença no sintoma é uma ambição para a psicanálise de nosso tempo, nos diz Laurent³.

A problematização do que seria uma família ganha especial relevo e, em “Televisão”, Lacan define a ordem familiar como aquilo que “só faz traduzir que o pai não é genitor

queda dos ideais da cultura e da tradição.

“...reduzir o Nome do Pai a um sintoma, como fez Lacan em seu último ensino, é fazer do sintoma o fundamento da sustentação do Outro”.

A interdição cede lugar à permissividade e o ideal cede lugar ao gozo. O regime do pai que civiliza, interdita e regula em nome de uma lei e um ideal, é substituído pela exigência do mais de gozar. Um mais de gozar na direção de um gozo que jamais será o definitivo, o último. Nenhuma norma consegue estabilizar o “empuxo-ao-gozar” no contemporâneo, nos diz Laurent⁵.

O que era proibido, se torna obrigatório: “Goze!”

Em “Nota sobre a honra e a vergonha”, Miller define culpa como sendo o efeito sobre o sujeito de um Outro que julga, um Outro guardião de valores que o sujeito teria transgredido⁶. Quando o Outro não existe...

Laurent nos ajuda a esclarecer alguns pontos e indica para onde vamos com a psicanálise: “Diante de tal contexto, o psicanalista não pode pretender aliviar o sujeito contemporâneo de sua culpa em relação ao ideal. O sujeito já está aliviado. Ele é light. Mas essa leveza é insustentável. (...)

gozar sem que isso seja sua única obrigação?⁸

E indica um caminho: no que diz respeito ao gozo como imperativo, o analista deve reenviar o sujeito a sua particularidade, em direção ao sintoma que é o ponto impossível de ser incorporado ao mundo em que o sujeito funciona⁹.

Concluo, ainda com Laurent: reduzir o Nome do Pai a um sintoma, como fez Lacan em seu último ensino, é fazer do sintoma o fundamento da sustentação do Outro. A ética da psicanálise é a de uma “sociedade do sintoma”¹⁰.

1 FREUD, S. “O mal-estar na civilização”. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol XXI, p. 157.

2 Miller, J.-A. “O real no século XXI”. In: Opção Lacaniana, n. 63. São Paulo: Eolia, jun. 2012, p. 13.

3 Laurent, E. “A sociedade do sintoma”. In: A sociedade do sintoma - a psicanálise hoje. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2007, p.176.

4 Lacan, J. “Televisão” (1974). In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.531.

5 Laurent, E. Op. Cit., p. 173.

6 Miller, J.-A. “Nota sobre a honra e a vergonha”. In: Opção Lacaniana, n. 38, São Paulo, Eolia, dez 2003, p.9.

7 Laurent, E. Op. Cit., p. 171.

8 _____ Ibid.

9 _____ Ibid., p. 172 e 173.

10 _____ Ibid. p. 177.



Frente ao mal-estar contemporâneo

Marilsa Basso (EBP/AMP)

“**A** vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. (...) Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela”.¹

A guerra pode ser lida como a expressão máxima do mal-estar na civilização. Há a guerra do mundo, dos grandes e dos pequenos grupos, nas famílias, no casal, nos laços sociais e há também a guerra psíquica.

Cada um, a seu modo, busca uma medida frente ao mal-estar. É o que Freud nos ensina com essa frase de 1930. Diante do real se recorre à fantasia ou ao delírio para, de alguma maneira, encontrar um contorno ou um modo de estar no mundo.

O extremo do gozo? Teriam hoje estes adolescentes que se matam a noção de seu ato? Joga-se a vida e com a vida. É uma denúncia do mal-estar contemporâneo.

Questões como estas não cessam de se apresentar e, enquanto praticantes da psicanálise, não nos cansamos de dizer que só podemos responder a elas a cada caso, ainda que se manifestem em série.

Frente ao “mal-estar na civilização, como dizia Freud, ou o ‘sinthoma’ na civilização, como precisa Lacan...” cada um tem uma posição.

“Em nossa civilização o sujeito pode escolher ‘entregar-se à morte’ de diversas maneiras. A overdose não se restringe aos comportamentos suicidas, como as toxicomanias de drogas pesadas. O sujeito pode se matar no trabalho, escolher esportes perigosos, viagens estranhas, tentar ser

Freud fala das satisfações substitutivas como ilusões em contraste à realidade. A arte, a música, a escrita, modos em que cada um pode inserir seu estilo e encontrar sua saída.

Frente ao “mal-estar na civilização, como dizia Freud, ou o ‘sinthoma’ na civilização, como precisa Lacan...”⁴ cada um tem uma posição.

Diante do império do especular, do exibicionismo, da prevalência do gozo do olhar, do consumo, cingir o singular é a tarefa árdua do analista hoje.

Milhares de protocolos e classificações marcam a história da humanidade e evidenciam o quanto a tecnologia e a ciência não dão conta de responder a tudo, denunciando assim o que da nomeação universal escapa.

Encontrar seu modo de estar no mundo, de lidar com seu gozo e saber fazer com seu sintoma, como ensina Lacan,

O contemporâneo é marcado pela imposição de fatores que chocam e, por suas repetições, configuram cenários violentos: ameaça de bomba nuclear, atentados terroristas, desmascaramento de múltiplas corrupções políticas, conflitos religiosos, culturais, raciais, entre tantos outros que na manifestação macro escancaram o narcisismo e a miséria humana.

Utilizemos como exemplo a onda de suicídio que assombra a nossa atual sociedade. Seria uma reivindicação ou uma demanda? Falência de uma causa ou alguma causa para nortear a vida?



“O mandamento ‘Ama a teu próximo como a ti mesmo’ constitui a defesa mais forte contra a agressividade humana e um excelente exemplo dos procedimentos não psicológicos do superego cultural. É impossível cumprir esse mandamento; uma inflação tão enorme de amor só pode rebaixar seu valor, sem se livrar da dificuldade”¹.

astronauta amador ou apresentar apetite multiforme pelo risco...”²

A internet “transforma radicalmente a maneira como cada um se liga ao mundo”³, muda a relação com o outro e o laço social. Veloz e feroz, o mundo virtual traz uma revolução e com ele seu efeito colateral: a ilusão de tudo poder, dando uma consistência imaginária ao Outro que não existe trazendo um excesso que reenvia ao nada.

O enquadre religioso oferece uma medida. Delírio de igualdade, fraternidade e amor: uma comunhão para quem nisso pode crer.

é encontrar seu singular a partir mesmo do mal-estar.

1FREUD, S. “O mal-estar na civilização” (1930), Ed. Standard Brasileira. Imago: Rio de Janeiro. Vol. XXI, p.83.

2LAURENT, E. A sociedade do sintoma. Contra Capa: Rio de Janeiro. 2007, p. 169.

3_____“Internet avec Lacan”. La causa du désir. Navarin Editeur, p.11.

4_____A sociedade do sintoma. Op. Cit., p.167.

Freud e o mal estar na civilização

Marizilda Paulino (EBP/AMP)

diferente faz com que a agressividade do homem se expresse do modo mais violento através das perseguições, dos maus tratos, da crueldade, das torturas infligidas ao seu semelhante, coisa que apenas o homem é capaz de fazer, diferentemente dos animais que matam para suprir uma necessidade básica de sobrevivência, seja a luta pela comida ou pelo sexo. Ao contrário, o homem é capaz de agredir e destruir outro homem e

experiências máximas de intolerância – perseguições de toda ordem (política, religiosa, só para citar algumas), exacerbação do racismo, onde a exclusão de uns promove a coesão de outros. O homem temeroso tenta eliminar de si o que não suporta e projeta no outro, o que o torna seu perseguidor infinito. Tempos de discursos totalizantes, de discursos políticos que nomeiam para o homem aquilo que ele teme – o diferente de si

O texto de Freud publicado em 1930 não perde a sua atualidade. O desamparo fundamental do homem, o conflito entre as exigências da pulsão de vida e da pulsão de morte, "... antagonismo irremediável entre as exigências do instinto e as restrições da civilização", como diz James Strachey na introdução do artigo, fazem com que a felicidade ou o bem-estar do homem em seu contexto social sejam precários e, mesmo, impossíveis. Seu laço social permanece sempre ameaçado.

Importante assinalar que o artigo de Freud foi escrito no período entre as duas grandes guerras (1918-1939) que afetaram sobremaneira a humanidade, em um momento de grande perturbação na política mundial. Nos Estados Unidos, a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929) afeta a economia de vários países; a Itália já está dominada pelo fascismo de Benito Mussolini e, na Alemanha, Hitler está chegando ao poder. O mundo todo sendo paulatinamente dominado por movimentos políticos totalitários, imprime certo tom pessimista e sem esperança a seu texto.

Podemos dizer que a história da humanidade pode ser contada através da história de suas guerras. O ódio provocado pelo

ainda sentir prazer com isso. É do humano essa capacidade.

O homem temeroso tenta eliminar de si o que não suporta e projeta no outro, o que o torna seu perseguidor infinito.

Esta natureza do homem permeada por impulsos agressivos faz com que o mandamento a que Freud se refere em seu texto: "Ama a teu próximo como a ti mesmo" seja algo impossível de ser alcançado. Como posso me amar total e completamente percebendo o que sinto dentro de mim? Como amar alguém que não me ama, já que pode me violentar, torturar, e que também não amo? Como daí amar o meu próximo?

Na luta pela sobrevivência do homem, como bem demonstrado pelas guerras, alguém tem que ser excluído – o diferente, o que é estranho em mim ou para mim – pois isso me ameaça, traz à tona o sujeito dividido que sou.

Atualmente, vivemos tempos difíceis que nos remetem a esse brilhante texto de Freud. Tempos de violência e de segregação. O mundo todo passa por

nas diversas nuances: a mulher, o homossexual, o transgênero, o judeu, o negro, o islamita, o esquerdista, os da extrema direita e outros – um discurso que o autoriza a perseguir e matar esses que não se consegue assimilar.

Qual seria o papel da psicanálise nesse contexto?

A psicanálise traz um discurso totalmente diferente desse discurso autoritário, universalizante. A psicanálise, ao promover a possibilidade da experiência da divisão subjetiva, através da análise, pode fazer com que as diferenças sejam mais suportáveis, com que as certezas e os ideais diminuam, os laços sociais se fortaleçam, e assim, o homem pode escutar e falar mais, participando mais ativamente do processo civilizatório.

1 FREUD, S. "O mal-estar na civilização". Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XXI, p. 168.



Uma frágil membrana

Perpétua Medrado Gonçalves (Aderente EBP-SP)

“**A** vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. (...) Dei a este fenômeno o nome de ‘narcisismo das pequenas diferenças’ (...).”¹

Freud escreveu a primeira vez sobre o “narcisismo das pequenas diferenças” no artigo de 1918, “O Tabu da Virgindade”: “Seria tentador desenvolver essa ideia e derivar desse ‘narcisismo das pequenas diferenças’ a hostilidade que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo e sobrepujar o mandamento de que todos os homens devem amar o seu próximo”².

Mais tarde, em “O mal-estar na civilização” (1930), formula a tese sobre a dificuldade de os homens abandonarem a satisfação da

acredita-se que, quanto maiores as diferenças, mais violentos seriam os confrontos.

Entretanto, a noção de “narcisismo das pequenas diferenças” mostra que não devemos ignorar o fato de que, muitas vezes, os embates mais violentos são entre indivíduos, grupos e comunidades que diferem muito pouco entre si.

‘...Isto quer dizer que uma fronteira não é dada de antemão, não é algo que os dois lados de repente encontram e podem então reconhecer como limite, mas um efeito da própria tentativa de aproximação e de afastamento’

Embora observemos que os mecanismos de intolerância, segregação e violência na cultura atual, vinculadas ao real que impera no contemporâneo, sejam cada vez mais frequentes e intensos, Freud já identificava na propensão humana, a agressão uns contra os outros. Localizava a agressividade em torno do conflito edípico, na relação de amor e ódio

“constituição de um interior a partir da própria tentativa de reforço da membrana de separação”³.

Para explicar essa fronteira, Romildo toma a parábola de Schopenhauer⁴:

Em um dia de frio de inverno, um grupo de porcos-espinhos se aconchegou bastante, para se esquentarem mutuamente e não morrerem de frio.

Contudo, logo sentiram os espinhos, uns dos outros, o que os fez novamente se afastar e até acharem uma distância média que lhes permitisse suportar o fato da melhor maneira.⁵

Esta parábola mostra “como a boa distância entre cada um e os outros, que na verdade é ideal, passa pela construção de uma fronteira que margeia o real. Isto quer dizer que uma fronteira não é dada de antemão, não é algo que os dois lados de repente encontram e podem então reconhecer como limite, mas um efeito da própria tentativa de aproximação e de afastamento”⁶.

inclinação para a agressão contida neste tipo de narcisismo.

Certamente, não seriam significativas as diferenças que formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade contidas na noção de "narcisismo das pequenas diferenças", uma vez que, sob qualquer outro aspecto, estes grupos são iguais. A elaboração de Freud retoma o que já havia abordado em outros textos sobre a rivalidade de povos vizinhos. Exemplos nossos conhecidos são a rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro, torcidas de time de futebol e diferentes militâncias políticas.

ao semelhante. O narcisismo das pequenas diferenças é abordado por Romildo do Rêgo Barros sob duas modalidades: o narcisismo, no registro imaginário, de projeção da imagem do corpo, e as pequenas diferenças, no registro do real, em permanente exclusão. Os dois enunciados supõem que o narcisismo das pequenas diferenças é uma construção antitética.

Não seria um narcisismo que estaria nas pequenas diferenças, mas sim se constituiria como uma unidade formada e sustentada tendo por causa as pequenas diferenças. Trata-se da

1 FREUD, S. "O mal-estar na civilização". In Edição Standard Brasileira, vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 136.

2 _____ "O Tabu da Virgindade". Op. Cit., vol. XI, p. 184.

3 BARROS, R. R. "A pequena diferença, entre pele e espinho". In Revista Agora, ano I, n 1, RJ, 1998.

4 Schopenhauer citado por Freud em nota de rodapé de "A Psicologia das massas", Ed. Standard Brasileira, vol. XVIII, RJ, Imago Editora, 1974, p.128.

5 BARROS, R. R., Op. Cit.

6 _____ Ibid.



Satisfação

Valéria Ferranti (EBP/AMP)

“**A** sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas, ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a sublimação constitui uma vicissitude que foi imposta aos instintos de

Os demais termos que Freud acrescenta de modo correlato à pulsão são pressão, objeto e fonte. Vale aqui salientar que o objeto da pulsão é aquele junto ao qual a pulsão alcança sua meta. “É o que há de mais variável na pulsão, não estando originalmente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação.”²

Todo objeto é possível para a satisfação, mas nem toda

O modo como a época lida com seus restos – ou com seu lixo - nos dá algumas balizas para refletir acerca do mal-estar na civilização. Freud nos alerta que se a renúncia à satisfação pulsional não encontrar alguma compensação econômica, pode gerar graves distúrbios. Não é possível sublimar toda a pulsão, portanto, um tanto de sintoma cai bem! Mas, assistimos a uma imensa

forma total pela civilização. Seria prudente refletir um pouco mais sobre isso. (...) é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (...) de instintos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos. Como já sabemos, é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar. (...) Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação um instinto. Não se faz isso impunemente”.¹

A teoria das pulsões é um dos pilares de sustentação do edifício teórico construído por Freud. Embora possamos tomá-la na vertente “Metapsicológica” ou em “Além do princípio do Prazer”, um binômio se mantém: a articulação entre pulsão e satisfação.

A pergunta sobre a satisfação recai nos destinos da pulsão, ou seja, quais os caminhos possíveis para que circuitos se inscrevam e encontrem sua meta (Ziel) estabelecendo assim uma gramática das pulsões.

satisfação é possível para a cultura. Assim podemos tomar a educação das crianças como uma maneira de obstaculizar a

Não é possível sublimar toda a pulsão, portanto, um tanto de sintoma cai bem!

satisfação, obrigando os pequenos a encontrar circuitos alternativos, objetos aceitáveis. Afinal, a civilização repousa sobre a renúncia pulsional.

A sublimação – como um destino bastante otimista para a pulsão – liga a libido aos objetos socialmente bem vistos e, como Freud deixa entredito, há civilização porque há sublimação.

No entanto, “não é fácil compreender como se torna possível privar a pulsão de satisfação”³. De um lado, a exigência restritiva da civilização e, do outro, a impureza da satisfação pulsional. Conta que não fecha: há restos.

proliferação de protocolos e leis que visam a normatizar os restos, a igualar as saídas ou, nas piores situações, a promoção da prevenção.

A satisfação obstaculizada, a renúncia pulsional, geram “frustração cultural”⁴ e esta dá a tônica aos vínculos sociais hostis. Condição que não pode ser eliminada, pois toda renúncia cobra seu preço.

1 FREUD, S. “O mal-estar na civilização”. Ed. Standard Brasileira. Imago: Rio de Janeiro, vol. XXI, p. 118.

2 _____ “As pulsões e seus destinos”. Obras incompletas de Sigmund Freud. Editora Autêntica, p. 27.

3 _____ “O mal-estar na civilização”. Obras Completas, Vol. 18. Companhia das Letras: São Paulo, p. 60.

4 _____ Ibid.

“ O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”

Em Conexão



Os tempos voltarão?

Maria de Lourdes Mattos (correspondente EBP-SP)

“**A** guerra é um animal malvado que faz o mundo girar e nunca para”¹

A frase apresentada no final do filme “Os campos voltarão”, traz uma reflexão sobre o mal-estar da posição do homem no mundo e amplia o significado da palavra guerra.

Ambientado numa região da Áustria, se passa numa única noite gélida de 1917, onde o tempo caminha lento, pesado, a compasso de espera, diante da angústia da morte provável. A guerra é apresentada sem heróis, sem a exaltação do espetáculo de matança. Os soldados são tratados pelo nome e cada um expressa de modo singular, as saídas que encontram para lidar com esse horror.

A tensão permanente é quebrada por algumas fugas em direção ao desejo de vida. É o vigia que observa a raposa naquela linda paisagem em determinado horário do dia. É o soldado que do alto da montanha entoia “a voz alegre o coração”, o que agrada tanto aos companheiros como aos inimigos. “Os campos voltarão”, na fala de um dos soldados, remete à volta da primavera, quando os campos voltarão a florir, e ao fim da guerra,

um grupo que quer o bem ou o mal. O mandamento de amor pode ser lido como “odeia a teu próximo como a ti mesmo”. Há uma maldade constitutiva no homem, originária da nossa própria condição psíquica. O programa imposto pelo princípio do prazer em busca da felicidade é irrealizável.

O homem busca nas satisfações substitutivas, que dão origem aos sintomas, a “proteção” para a infelicidade imposta pela civilização.

“A satisfação irrestrita de todas as necessidades se apresenta como a maneira mais tentadora de conduzir a vida, mas significa pôr o gozo à frente da cautela, trazendo logo o seu próprio castigo.”⁴ O homem busca nas satisfações substitutivas, que dão origem aos sintomas, a “proteção” para a infelicidade imposta pela civilização.

Lacan⁵ refere que o que está em questão no texto de Freud “O mal-estar na civilização” é repensar o problema do mal. O “próximo” do mandamento religioso é um ser malvado, o supereu, que faz com

Barros⁶ faz referência à “expansão” do termo guerra na atualidade, cujo uso metafórico vem no sentido de expressar fenômenos da vida política e social. Expressões como: “estamos em guerra”, “guerra ao tráfego”, “guerra à violência”, entre outras, tornaram-se parte do nosso cotidiano. A guerra não existe sem o outro e “o próprio fracasso da civilização é um fato de civilização”.

Os tempos correm e o avanço da ciência incide na cultura. Os sintomas também ganham novas roupagens nestes tempos “opacos”, marcados pelo fortalecimento de grupos extremistas e movimentos segregacionistas, com consequentes riscos ao estado democrático e de direito.⁷

1 OLMÍ, E. Os campos voltarão. Cinemaundici, Ipotesi Cinema Itália, 2014.

2 FREUD, S. “O mal-estar na civilização”. In: Obras Completas. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p 77.

3 ____ Ibid., p. 118.

4 ____ Ibid., p 32 - 38.

quando todo o horror será esquecido. Impossível esquecer, mas a esperança na volta dos campos e das flores remete ao desejo de vida!

A guerra é um exemplo extremo da crueldade presente na cultura. Freud considera que o ser humano pode se apresentar “como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie”.²

Tomando o mandamento religioso “Ama a teu próximo como a ti mesmo”³, como o supereu da cultura, considera que o próximo pode ser um parceiro, um inimigo,

que a agressividade do sujeito volte-se contra ele mesmo.

Em termos coletivos, podemos pensar no par fraternidade/segregação, em que o amor entre um grupo sustenta o ódio contra outro grupo, algo muito comum nos dias de hoje.

Em termos coletivos, podemos pensar no par fraternidade/segregação, em que o amor entre um grupo sustenta o ódio contra outro grupo, algo muito comum nos dias de hoje.

5 LACAN, J. O seminário, livro 7, a ética da psicanálise. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1997, p. 226 - 237.

6 BARROS, R.R. “Guerra e discurso: um nó entre o real e o simbólico”. In: Correio, n. 80. EBP.

7 MACÊDO, L. F. “Editorial”. Op. Cit.

“ O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”

Em Twitters

“O superego de uma época de civilização tem origem semelhante à do superego de um indivíduo”¹.

por Camila Popadiuk

CLIN-a

“No decurso do desenvolvimento, porém, a relação do amor com a civilização perde sua falta de ambiguidade. Por um lado, o amor se coloca em oposição aos interesses da civilização; por outro, esta ameaça o amor com restrições substanciais”².

por Eliana M. Figueiredo

EBP/AMP

“(…) quanto mais virtuoso um homem é, mais severo e desconfiado é o seu comportamento, de maneira que, em última análise, são precisamente as pessoas que levaram mais longe a santidade as que se censuram da pior pecaminosidade”³.

por Paula Caio

CLIPP

As variantes da adicção presentes na civilização atual caracterizam uma sintomatologia semelhante ao modo de gozo do sujeito e ao imperativo superegoico de nossa

Existe uma força contrária entre as exigências da pulsão, encontradas

época, cuja máxima é o consumo desenfreado. Se, por um lado, o mercado oferta objetos condensadores de gozo, por outro, o sujeito os consome conforme o modo de funcionamento de seu objeto a.

1 FREUD, S. "O mal-estar na civilização". Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, p. 166.

pelo homem a partir do amor que surge do encontro de um homem com uma mulher, e as exigências da civilização que, em nome do seu desenvolvimento, decreta que o homem renuncie a uma parte dessa satisfação pulsional. É o preço que o homem paga. Resta saber: para onde vai o gozo, afinal?

2 FREUD, S. "O mal-estar na civilização". Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, p. 123.

Podemos articular o trecho com o fenômeno da corrupção? A internalização da agressividade/autoridade no superego é o principal mecanismo viabilizador da civilização. Ao contrário do santo, no corrupto, a tensão (culpa) entre o ego e o superego não é suficiente para inibi-lo por não ter havido este processo. Mais um sintoma da contemporaneidade?

3 FREUD, S. "O mal-estar na civilização". Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, p. 149.

“O último adeus à Judith Miller”

É com profundo pesar que comunicamos à comunidade da Seção São Paulo da Escola Brasileira de Psicanálise o falecimento de Judith Miller, na noite de 6 de dezembro.

Judith soube bem conduzir e dar as diretrizes aos trabalhos do CIEN, CEREDA, TyA e das Bibliotecas da FIBOL. Presidente da Fundação do Campo Freudiano, ela sempre nos contagiou com seu entusiasmo e deixa-nos instalando uma falta. Caberá a cada membro da AMP dar seguimento aos trabalhos que ela conduziu com tanto afinho e dedicação. Inesquecível também será seu sorriso, tão amável!

Enviamos nossos afetuosos sentimentos ao seu esposo, Jacques-Alain Miller, e à toda sua família.

À Judith Miller, nosso último adeus!

Carmen Silvia Cervelatti - Diretora da EBP-SP

Patricia Badari - Presidente da EBP-SP

Comissão de Acolhimento

“Antes de mais nada, um princípio: o psicanalista só se autoriza de si mesmo. (...) Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação”. Cinquenta anos depois, esta frase de Lacan na Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, segue desafiando e colocando a trabalho aqueles que têm seu desejo causado pela psicanálise. Um enunciado que nos toca pelo que entrelaça de duas proposições aparentemente contraditórias. Se o caminho de cada analista é o caminho solitário da singularidade, sua formação não se faz sem partilhar os princípios e as orientações que sustentam a psicanálise e sua práxis. A Escola é, como quis Lacan, o suporte desse desejo vivo e decidido. O que é a Escola Brasileira de Psicanálise? Qual sua relação com a Escola fundada por Lacan? Qual ensino ela dispensa? O que é ser membro de Escola e quais as formas de admissão? O que é o passe? O que a Seção São Paulo representa no âmbito da Escola? A comissão de acolhimento da Seção São Paulo pode ser um primeiro contato para esclarecer essas e tantas outras questões que possam surgir a partir da transferência com a psicanálise e com o ensino de Lacan no Brasil. Se você deseja saber mais, entre em contato para agendar um encontro com um dos membros da Comissão.

Comissão de Acolhimento da EBP-SP:

Cynthia Nunes de Freitas Farias - Tel: 11 30856415 / 11 981494376

E-mail: cynthianffarias@gmail.com

Eliane Costa Dias - Tel:(11) 3081.7428 / 99178.6359

E-mail: delreycosta@uol.com.br

Paola Salinas - Tel: (16) 997948200

E-mail: paolasalinas11@yahoo.com.br

Atividades no [EBP SP - YouTube](#)

Direção Geral: Patrícia Badari

Revisão Crítica: Daniela Affonso - Edição: Maria Marta Rodrigues Ferreira

Colaboradoras da CSP online:

Perpétua Medrado (diretora de Biblioteca da EBP-SP) e Maria de Lourdes Matos (Associada do CLIN-a)

Diretoria da EBP- SP

Diretora Geral: Carmen Silvia Cervelatti Diretora Secretária- Tesoureira: Paola Salinas Diretor de Intercâmbio e Cartéis: Ariel Bogochovol Diretora de Biblioteca: Perpétua Medrado Gonçalves

Escola Brasileira de Psicanálise - EBP-SP

Rua João Moura, 627 cj. 193 - CEP 05412-001 - São Paulo - SP - Telefone: 11 3081 8947 - Fax: 11 3063 1626

E-mail: ebpsp@uol.com.br - Site: www.ebpsp.org.br